

Recuperação do Forte da Preguiça, na Ilha de S. Nicolau, República de Cabo Verde



Figura 1: Padrão assinalando a passagem de Pedro Álvares Cabral pela ilha de S. Nicolau.

No sentido de ser perpetuada, num espaço dignificado e com memória, a passagem da esquadra de Pedro Álvares Cabral pela ilha de S. Nicolau, a caminho do Brasil, através da colocação de um padrão, realizaram-se trabalhos de recuperação e de consolidação do Forte da Preguiça, respectivamente em 1991 e 1992. Foi este o local pela segunda vez escolhido para a edificação de um monumento, agora de autoria do escultor João Cutileiro.

Esta intervenção realizou-se no âmbito do

protocolo assinado em 1990 entre a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses (CNCDP) e o Ministério da Informação, Cultura e Desportos da República de Cabo Verde, e contou, tecnicamente, com o apoio do então IPPC (actual IPPAR), que na altura procedia a trabalhos arqueológicos nas ruínas da sé da Cidade Velha (antiga Ribeira Grande), primeira capital de Cabo Verde, na ilha de Santiago.

A equipa responsável pela intervenção arqueológica integrou, para além dos dois técnicos do então IPPC, o Dr. Carlos Carvalho, pela parte caboverdiana. O Forte da Preguiça foi construído em 1820 numa pequena plataforma delimitada por duas profundas ribeiras, a cerca de 50 metros acima do mar. O primitivo ancoradouro (Porto Velho) ficava na ribeira nascente, com uma pequena baía de fundo arenoso. A sua construção teve como missão essencial defender tanto o Porto Velho, a nascente, como o caminho e a pequena povoação, a poente. A guarnição

pertencia a uma Companhia de Ordenanças, segundo Senna Barcelos⁽¹⁾.

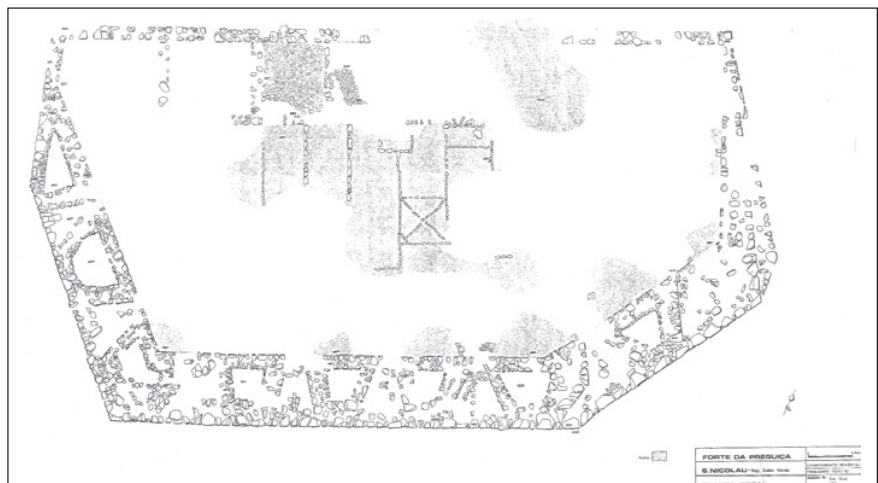
Refira-se que é uma constante o saque praticado por corsários estrangeiros em algumas ilhas do arquipélago ainda nas primeiras décadas do século XIX, realidade bem sentida pelas populações, autoridades locais e ricos comerciantes. Daí resultou a construção de fortificações em pontos estratégicos, como o caso presente ou o exemplo da construção do Forte do Duque de Bragança, situado num ilhéu fronteiro à povoação de Sal-Rei, na ilha da Boavista, para defesa do seu porto, resultante da excepcional importância comercial do sal aí explorado. Esta estrutura militar foi igualmente alvo de recuperação em 1994, e em acções posteriores, contando ainda com o apoio da CNCDP e da equipa do IPPC a intervir na Cidade Velha.

O cais da Preguiça, embora com reparações posteriores, terá sido construído na segunda metade do século XIX, e é, estruturalmente, semelhante ao cais de S. Januário, na cidade da Praia. A sua construção e o desenvolvimento da ilha poderão estar associados à intensa presença inglesa na ilha de S. Vicente, com marcas profundas na cidade do Mindelo, e também, em parte, em S. Nicolau. Era por aqui que passava até há poucos anos o maior volume de mercadorias nomeadamente para a vila da Ribeira Brava, principal povoação da ilha. Este papel cabe hoje ao mo-

derneizado porto do Tarrafal, (S. Nicolau). Nas primeiras décadas do século XX, o forte é votado ao abandono e o seu espaço foi ocupado por cinco ou seis famílias, segundo testemunho da população mais idosa, que aí constroem as suas casas,

tulhamento do espaço, camuflando os vestígios do forte, foi, na altura, tomada a decisão de construir uma estrutura sobrelevada, semicircular, qual forte posposto, para expor de forma organizada as oito peças de artilharia, em ferro, que ain-

va, em valorizar o património da Preguiça, povoação em declínio, devido agora ao pouco movimento do seu porto. Desta forma, a intervenção no local passou, num primeiro momento, pela desmontagem integral da estrutura construída nos



Figuras 2a e 2b (à esquerda): Zona das canhoneiras, junto à falésia; no início e após a intervenção.
Figura 3 (em cima): Levantamento do forte da Preguiça, construído em 1820.

aproveitando para tal a pedra e as paredes que se mantinham ainda de pé. Com a escolha do sítio nos anos 60, para a construção de um monumento que simultaneamente dignifique o espaço e preste homenagem à figura de Pedro Álvares Cabral, a propósito do V centenário do seu nascimento – em Belmonte, provavelmente em 1467 –, as famílias que entretanto tinham ocupado o arruinado forte foram realojadas e o espaço desafectado de construções.

O local vai ficar marcado por três iniciativas quase simultâneas. Atendendo ao estado de ruína e, simultaneamente, de en-

da permaneciam no local.

Outra iniciativa passou pela construção do primeiro padrão, poucos metros a nascente do forte original, assinalando a passagem do navegador ao largo da ilha de S. Nicolau (Fig. 1). Este monumento ainda hoje se encontra em bom estado de conservação.

A terceira obra construída foi o edifício da escola primária, a cerca de 20 metros a norte da entrada do forte, dentro dos padrões previstos pelo Estado Novo para o território.

No início da década de 90 surge a iniciativa, por parte do município da Ribeira Bra-

anos 60 e que, em parte, se sobrepõe ao forte. Para a realização desta tarefa, como a remoção das peças de artilharia, foi mobilizada uma retroescavadora. Liberto o terreno, procedeu-se à escavação e desaterro do forte, em toda a sua área interior, bem como na sua envolvente, tendo como referência o alinhamento dos muros, visíveis entre os derrubes, bem como vestígios de reboco aflorando no terreno.

A zona do forte, que se encontrava ainda com alguma leitura, limitava-se à área das canhoneiras junto à falésia, ou seja, o pano de muralha virado a sul, onde, após a intervenção, se revelaram troços de calça-

da e áreas revestidas por lajes, para suporte dos canhões, (Fig. 2b).

O comprimento máximo do forte é de 40,40 metros e de 21,50 metros de largura máxima. O muro que delimita o recinto pelo lado de terra tem 0,70 metros de es-

a poente, o porto e a estrada que seguia para a Ribeira Brava. A frente de mar dispunha de quatro peças de artilharia com a mesma capacidade de fogo (Fig. 5), apresentando algumas, para além das armas de Portugal, a data de fundição de 1791.

gem do padrão, do escultor João Cutileiro, constituído por três blocos de mármore.

A concretização desta campanha só foi possível graças a uma convergência de esforços e de vontades por parte de diferentes entidades e das pessoas que, local-



Figura 4: Trabalhos de preenchimento e de consolidação das paredes do forte.




Figura 5: Vista geral da estrutura militar após a conclusão dos trabalhos.

passura, e, originalmente, apresentava a porta de acesso a meio do mesmo. As casernas estão-lhe adossadas, das quais apenas resta o arranque das paredes e vestígios de pavimento feito com grandes seixos rolados (Fig. 3). O terreiro e as zonas intermédias das canhoneiras apresentam áreas preservadas de calçada, igualmente em seixo rolado, encontrando-se o centro do forte "marcado" por um motivo cruciforme. O terreiro foi aplanado através do enchimento do interior, sobre o qual foi construído o pavimento.

O pano de muro virado ao Porto Velho foi, em dado momento, reforçado e estava apetrechado com duas peças de artilharia. O mesmo número de peças defendia,

A construção militar apresenta aqui uma espessura média de 3,80 metros. Os vestígios do parapeito são pouco evidentes, devido ao grande aproveitamento da pedra. Entre a face interna e a externa do muro existem, espaçadas regularmente, zonas de enchimento de terra batida, com o fim de amortecer o efeito de choque dos projecteis (Fig. 2 e 3).

Já no ano de 1992 procedeu-se a uma curta campanha de conservação e restauro dos muros, com a integração de pedreiros locais, e usando-se a pedra do próprio forte, conferindo-se, deste modo, a solidez mínima necessária para a preservação da estrutura militar, ao ser agora eleito o seu canto Sul como o local adequado à monta-

mente, se envolveram com particular entusiasmo quer prestando informações quer disponibilizando instalações, transporte para o local, meios mecânicos, e, por fim, participando na integral recuperação do forte. 

⁽¹⁾ "Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné", Lisboa, vários anos.

CLEMENTINO AMARO e VÍTOR SANTOS, Técnicos do IPPAR.